

REESCRITAS DE TEXTOS DA TRANSMISSÃO ORAL E LITERATURA DRAMÁTICA.

ANTÓNIO TORRADO

NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL GALEGA

Blanca-Ana Roig Rechou

Universidade de Santiago (ICE. CIRP)

blanca.roig@usc.es

Sara Reis da Silva

IE-Universidade do Minho

sara_silva@ie.uminho.pt

1. Introdução

António Torrado (1939) pertence à geração que denominamos de «Resistência», composta também por outros autores ímpares, designadamente Maria Alberta Menéres (1930-), Maria Rosa Colaço (1935-2004), Luísa Ducla Soares (1939-) e Alice Vieira (1943-). Trata-se de um grupo de figuras literárias que, juntas, tornaram possível a transição da ditadura para a democracia, ainda que tenha(m) principiado a sua actividade cultural/literária no decurso do Estado Novo, através de diferentes canais ou vias³², entre as quais figura a literatura, peça-chave na recuperação e revitalização da identidade nacional.

Este autor, que se pode considerar clássico contemporâneo (Roig, 2016: 79-82), depois da Revolução dos Cravos, publica um elevado número de obras literárias em Portugal, obras que se centram, entre outros géneros e destinatários³³,

³² Como se indica em Roig (2016: 77-79).

³³ Ainda que relativamente raros ou insuficientes, os estudos críticos elaborados em torno da obra de António Torrado e existentes até à data têm sublinhado a sua fertilidade e originalidade. Ostensivamente ímpar, a escrita deste autor foi divulgada e analisada, com sistematicidade, por exemplo, nos capítulos, assinados por Maria José Costa, Maria Emília Traça, Rui Marques Veloso e Maria da Natividade Pires,

em dois pilares fundamentais da Literatura infantil e Juvenil, como é o caso da reescrita de narrativas de transmissão oral e da literatura dramática, ou peças de teatro, efectivamente encenadas, entendendo por *teatro* a conjugação da literatura dramática e do próprio espectáculo, conformado não apenas pelo código verbal, mas também por outros códigos, designadamente o cinésico, o sonoro ou o musical, entre outros.

Foram este tipo de obras, juntamente com outras originárias, sobretudo do modo narrativo, que se traduziram para a língua galega nos anos noventa do século XX, acção editorial/cultural que auxiliou a consolidação da Literatura Infanto-Juvenil galega. Na verdade, o que anteriormente prevalecia nessa literatura era uma das características das literaturas em estado de descolonização, que não aceitava por princípio a tradução por considerar que, primeiro, era necessário assentar bem o que, realmente, se era ou, por outras palavras, compunha uma identidade e as suas origens, facto que se pode confirmar se tivermos em conta a produção que se realizou nas seguintes décadas: em 1900-1950, 3 obras narrativas; 1 poemário; 2 peças de literatura dramática e 1 tradução, um total de 17 obras; entre 1950 e 1980, 29 obras de narrativa; 13 poemários; 12 obras dramáticas, 4 bandas desenhadas e 38 traduções; um total de 96 obras; entre 1980 e 1989, 114 obras narrativas; 15 poemários; 17 obras dramáticas; 18 banda desenhada, 402 traduções e, entre 1990 e 2000, 366 obras narrativas; 64 poemários; 30 obras dramáticas; 43 bandas desenhadas; 660 traduções.

Assim, no que diz respeito à tradução, a década mais frutífera, como se pode constatar, ainda que tenha aumentado muito na década de oitenta, foi a dos anos noventa, época na qual eclodiu e se traduziram para galego os cinco volumes de António Torrado que, conforme já aludimos, correspondem a

esses dois pilares da literatura infantil e juvenil: a reescrita de textos de transmissão oral e a literatura dramática.

2. Reescritas da literatura de transmissão oral

Em 1993, vieram a lume quatro obras da autoria de António Torrado, volumes que integraram a colecção «Historias tradicionais contadas de novo», uma colecção que a editora Ir Indo³⁴ inaugurou e impulsionou com o objectivo de acolher reescritas, seguindo vários dos usos (*referencial ou instrumental, lúdico, ideológico e humanizador*), que se praticam para visitar e actualizar as narrações orais que se convertem em obras literárias escritas (Valriu, 1998; Roig e Ferreira, 2010) e a compiladores e reescritores como Charles Perrault (1628-1703) e, de certo modo, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, Alexander Afanasyev (1826-1871), entre vários outros, como é do conhecimento geral, ou aquelas que, seguindo a arquitectura dessas narrações, ofereceram exemplos literários que apoiam este pilar, entre o maravilhoso e o fantástico, base de toda literatura infantil, como concretizou H. C. Andersen (1805-1875) e, em Portugal, António Torrado, um dos grandes autores que tem vindo a dedicar-se a visitar e criar versões, em muitos casos, extraordinariamente criativas, de textos da tradição oral. Daí que a editoria Ir Indo tivesse eleito as obras de Torrado para dar pistas a compiladores e criadores galegos, sugerindo, com

³⁴ Criada em 1985 por Bieito Ledo, lançou a colecção «Nabarquela» (1989-1997). Nesta colecção, coordenada por Helena Villar Janeiro e dirigida ao público juvenil, reuniram-se livros de bolso com poucas ilustrações a preto e branco. Também colocou no mercado livreiro as séries infantis «O chapéu do bruxo», que acolheu apenas dois títulos publicados em 1990, e «O parrulo» (1990), que, na década seguinte, continuou a incorporar relatos tradicionais e originais, ambas editadas nas quatro línguas oficiais do Estado e fruto da colaboração com as chancelas Eirein, Pirene e Civilização; «Historias tradicionais» (1993), com relatos recuperados pelo escritor português António Torrado; e «O elefante contacontos» (1998), na qual vieram a lume textos de autores galegos e “outsiders” de todos os modos/géneros literários em volumes com ilustrações a preto e branco, vocacionados para um amplo leque de leitores (entre mais de cinco e mais de doze anos) (Agrelo, 2015: 137).

que integram a publicação monográfica *António Torrado*, número 1 da colecção «Uma pequenina luz bruxuleante», editada pela Civilização, em 1995.

subtileza, que seguissem as suas pegadas. Com efeito, ainda que contemos com alguns exemplos desde o período de 1900-1950, e mesmo com alguns anteriores, a maioria difundia os seus contributos em publicações que não eram dirigidas aos mais novos, mas aos mediadores. No período de 1950 a 1980, na literatura galega, conta-se com uma ampla maioria de obras «que continuaron recuperando e reescribindo de modo instrumental ou referencial as composicións da transmisión oral do período precedente, asemade reivindicaban a identidade galega, a defensa da diferenza e a crítica social desde fórmulas realistas con acenos cara ao marabilloso, á fantasía e con moito humor» (Fernández e Ferreira, 2015: 85), um total de 19 composições narrativas e líricas; e, no período de 1980 a 2000, as reescritas instrumentais foram cerca de uma vintena contando as antologias e duas colecções intituladas «Contos populares», em *A Nosa Terra*, datada de 1998, que oferecem adaptações de contos populares, como se indica nos peritextos editoriais, da responsabilidade do Colectivo Crisol, e a denominada «Cabalo Buligán», de Edicións Xerais de Galicia, con «versións literarias» agrupadas por temáticas, que se iniciou com quatro volumes (1998-1999) denominados *Contos marabilloso I-IV*, nos quais Xosé Miranda, Antonio Reigosa e Xoán Ramiro Cuba apresentam uma reelaboração literária a partir de diferentes versões recolhidas oralmente, empregando a «transestilización» com mudança do estilo popular para literário (Ferreira, 2015: 311). E, em 1998, a editora Kalandraka, que apostou no álbum de qualidade, dedicou uma colecção específica intitulada «Os contos do trasno Comodín», procurando oferecer «adaptacións de contos da transmisión oral, ofrecendo reescrituras instrumentais na narrativa textual e reescrituras máis lúdicas e innovadoras na narrativa visual.» (Ferreira, 2016: 432).

Como se observa, o aumento mais notório ocorre no momento em que as obras de António Torrado são traduzidas para a língua galega. Note-se que a maioria dos volumes

galegos coincidentes com a revisitação da literatura tradicional oral decorre de um processo de reescrita assente num uso instrumental, e não como sucede com as do autor português que se distinguem fundamentalmente pelos usos lúdico, ideológico e humanizador.

A primeira obra de Torrado que foi traduzida para a língua galega foi *A historia de Carochiña e do infeliz Xoañ Ratoñ*. Esta parte de uma narrativa amplamente difundida que tem por base uma das reescritas de Perrault e que surge depois da sua primeira recolha *Histoires ou contes du temps passé* (1697), volume que motivou reescritas plurais a partir de distintos usos em diversos países. Essa pluralidade substantivava-se, por exemplo, no facto da narrativa ter sido protagonizada por distintos animais: uma ratinha e também, em certos casos, por uma barata³⁵, uma formiga... uma Carochinha³⁶ (na obra de Torrado) que, ao varrer, encontrou, uma moeda, mas não sabe o que fazer com ela. O que Carochinha realmente deseja é casar com alguém que lhe queira bem. Depois de recusar vários pretendentes, escolhe João Ratão como marido e decidem, então, casar de seguida, mas o infeliz, antes do matrimónio, vai à cozinha ver se está tudo bem. O cheiro que se solta do caldeirão atrai o noivo que acaba por cair dentro dele e por aí se afogar, como sucede em muitas outras versões da narrativa em pauta. A tristeza invadiu todos os conhecidos. Nesta narrativa breve, que poderá ser integrada no ciclo do animal noivo, cruzam-se temáticas como a aparência e a essência; a curiosidade que faz esquecer a prudência e, até, a própria morte, entre outras. Trata-se, com efeito, de uma construção ficcional que, em termos estruturais, assenta num esquema repetitivo, aliás, bastante comum neste género de textos, e que configura um conjunto de valores igualmente assíduo em

³⁵Ratinha ou ratita em galego e castelhano na Espanha, barata (em África, Costa Rica, Cuba, México, Panamá, EUA, Puerto Rico, por exemplo), formiga em outros países.

³⁶Sem correspondência actual em língua galega.

certas formas narrativas da tradição oral. Na Galiza, aparece uma reescrita ideológica em 1928, em concreto o título *Margarida a do sorriso da aurora*³⁷, de Evaristo Correa Calderón, «punto de partida da liña temática da reescritura dos contos maravilhosos, seguindo o uso ideolóxico, con afán e vontade de modernización, ao escoller unha heroína activa que ten o poder de elección e que ascende na escala social, demostrando que calquera persoa pode chegar ao cume da escala social se ten bos valores morais» (Ferreira, 2016: 139). Nela, tamén a protagonista, uma rapariga de quinze anos, é pretendida por várias personagens, mas apenas casa com aquele que tem coração, seu único desejo.

Modernamente, segue este mesmo esquema o conto rimado *Rata Linda de Compostela*³⁸, de Bernardino Graña, com ilustrações de Manolo Uhía (Edicións Xerais de Galicia, Col. Merlín, «Serie rosa» (primeiros leitores), Dezembro de 1994). A edição deste volume vem testemunhar, com efeito, a relevância da obra de António Torrado, que é publicada um ano antes da de Bernardino Graña, para a consolidação da LIJ galega, nomeada e certamente decorrente do fluxo de traduções a que nos referimos. Esta obra, ainda que constitua uma versão, encontra-se “domesticada”. Daí que se mencione Camariñas, lugar típico onde se realizam muitas obras artesanais com bobinas.

Na segunda, *O macaco de rabo cortado*, narram-se as aventuras do macaco que decidiu cortar o seu rabo, porque todos os rapazes faziam chacota dele, dizendo-lhe «Macaco escondido/co rabo de fóra.». Perante isto, o pobre macaco opta por se livrar da sua cauda, mas, depois, arrependido, acaba por dar voltas e voltas para a recuperar. Reconhece, pois, que cada

um é quem é e que a identidade de cada um não tem preço. Destaca-se, aqui, novamente, o intuito ideológico de rejeitar comportamentos discriminatórios, procurando a veiculação de certos valores aos mais novos – por exemplo, a aceitação do Eu e do Outro, o elogio da diferença, entre outros – a partir de reescritas de índole instrumental de contos originalmente pertencentes à tradição oral. A título meramente exemplificativo, recorde-se que António Torrado, na mesma colecção, «Histórias Tradicionais Portuguesas Contadas de Novo», revisita outros contos nos quais se tematizam tópicos similares aos que *O macaco de rabo cortado* ficcionaliza. *O Menino Grão de Milho*, originalmente editado em 1987 (Civilização), é, em certa medida, um desses casos.

Na terceira obra, *A Nau Catrineta que ten moito que cantar*, uma tradução de Maria Anxos Vázquez, recolhe-se o romance ou rimance popular português e apresenta-se a narrativa da Nau Catrineta: depois de sete anos de navegação e perdidos no mar, os seus marinheiros decidiram tirar à sorte e ver quem, entre todos, seria sacrificado. O eleito pelo destino foi o Capitão General. Quando se ia cumprir a sentença, um marinheiro que havia subido ao ponto mais alto do mastro real avistou as terras que representavam vida para todos. Historicamente filiado e dando a perceber, portanto, um tempo histórico marcante para Portugal – ou seja, as Descobertas ou a expansão marítima –, esta narrativa revisitada por António Torrado ressurgue, agora, por via de um uso humanizador e levemente ideológico, na medida em que se pressente, por exemplo, a veiculação de valores como a preservação da memória, a coragem e a superação do mal, pela prevalência do bem, aspectos, em larga medida, plasmados nas quadras iniciais que, além de possuírem fortes ressonâncias do discurso proferido pela figura camoniana do Velho do Restelo, se distinguem por uma outra influência ou vertente intertextual, em concreto pela herança da lírica medieval ou das cantigas de amigo. O texto encontra-se impresso sobre uma composição visual da autoria de Paula Soares,

³⁷Esta é uma obra que não foi reeditada na actualidade e que, aliás, possuiu uma reduzida difusão no momento que veio a lume, visto que efectivamente pertence à pré-história da Literatura Infanto-juvenil galega.

³⁸Reeditou-se, em 2009, com alterações ao nível paratextual que afectam a ilustração da capa, a supressão do peritexto «Cando o autor fala de si» e, ainda, ao nível textual, a alteração da referência à moeda, através da menção ao euro.

apresentando ilustrações policromáticas, extensas e em página dupla.

No quarto volume, *O paxe non cala*, exemplar que, na verdade, é um criativo exemplar metaliterário, realiza um contraconto da célebre narrativa *O traje novo do imperador*, de H. C. Andersen, depois de toda uma reflexão sobre a leitura de obras clássicas, pois, como diz o narrador/contador de histórias ao rapaz ouvinte que o acompanha num banco do jardín, «Este libro é irmán xémeo doutro que lin hai tempo. Non fago idea de por onde pode andar agora. Sei que o lin, ou mellor soletreei unha primeira vez, para, despois, máis tarde, voltalo a ler e reler tantas veces que ata cheguei a contar de memoria cada unha das historias que alí viñan.(...) perdín o libro e (...) Esquecín as historias, mira ti.» (Torrado, 1993: 4). Conta-o, então, ao seu acompanhante seguindo a versão de Andersen. Avança dados biográficos e salienta que apenas um rapaz se atreveu a dizer «O Rei vai nu» (*idem, ibidem*: 7), frase que envergonhou o monarca e que o fez fugir para o palácio para se vestir. Diz o autor, narrador implícito, que foi interrogado pelo rapaz sobre «¿E que lle aconteceu ao meniño por dicir que o rei ía nu» (*idem, ibidem*: 7). Assim, procedeu ao contraconto no qual relata que, apesar dos poderosos que queriam castigar a criança, o Rei, mais perspicaz, ao ver que o rapaz, ao ser chamado e estando ante ele, vinha acompanhado pelo povo e pela família, ofereceu-lhe o cargo de seu mandatário, para que o acompanhasse sempre segurando-lhe o seu manto. A todos agradou este convite, mas os poderosos e os cortesãos, roídos de ciúmes e de inveja, conseguiram, depois, de muitas aventuras e desventuras vividas pelo rapaz, que o Rei o dispensasse. No entanto, o que aconteceu foi que o povo conseguiu opor-se aos poderosos e aos cortesãos, incluindo o Rei e implantou-se a República. Trata-se de uma reescrita ideológica com todos os seus ingredientes, pois, além de tudo, ridiculariza fortemente a monarquia e o despotismo ou todos os poderes instalados: «Xa o sabes. Mais non sabes, porque

eu non cho dixen nin era desta historia, que o pobo, todo o pobo daquel reino de antigamente, e no médio del o menino, os pais e os irmáns do menino tamén, pasado tempo, dispensou ao rei e aos cortesáns de palacio, que lle fosen dar á cola para outro lado.» (*idem, ibidem*: 30).

3. Literatura dramática

Na obra *Teatro às Três Pancadas* (teatro) (Civilização, 1995) traduzida com o título *Teatro às tres pancadas* (1999), nas palavras iniciais, Torrado explica que colocou à disposição de escolas e de grupos de teatro estas peças singelas, devido aos muitos pedidos que lhe foram dirigidos e porque considera que, além de se adaptarem a qualquer espaço, nelas participam poucas personagens, ainda que, na verdade, não sejam peças simples: «Serafin e Malacueco na corte do rei escama», «A raposa e o corvo», «Historia dun papagaio», «Velaí vén o paisano das moscas», «Olla o paxariño», «Os catro pés do trono» e «As tres cabazas». Herdeiras também da tradição oral, como se descreve no *Informe de Literatura* (www.cirp.gal/rec2/informes/), algumas apresentam-se estruturadas num só acto, outras encontram-se divididas em várias cenas ou quadros. Contêm entre três e nove personagens: seres humanos (exceptuando três que são animais), todas elas masculinas, apenas uma mulher. Os estratos sociais representados pelas personagens vão desde as classes economicamente mais favorecidas (reis, juízes ou advogados) às mais pobres (mendigos e vagabundos). Nas indicações cénicas, fornecem-se sugestões relativas à indumentária e à descrição física das personagens, à decoração dos cenários, aos acessórios, etc. As temáticas versadas na generalidade dos textos dramáticos em pauta centram-se nos diferentes sucessos que vivem as personagens como consequência dos seus defeitos (preguiça, ignorância, arrogância e egoísmo) ou das suas virtudes (honradez, generosidade, inteligência e engenho). Conta-se

como dois mendigos escapam do poder de um pirata de pau e do rei das escamas de pescada, fazendo esqui aquático em cima de uma frigideira atirada por um peixe; como um corvo perde o seu queijo por se empolgar com os elogios de uma raposa; como se liberta um homem das moscas que o perseguem continuamente; como um fotógrafo faz rir uma senhora e consegue tirar-lhe um retrato; como um rei escapa por um dia aos seus compromissos oficiais mandando cortar as patas do seu trono; como é enganado um lavrador com a compra de um papagaio palrador que não sabia falar; e, finalmente, no último texto, trata-se da recompensa que é concedida a um camponês pela sua generosidade e seu cuidado com as abóboras. No final da obra, o escritor revela as diferentes fontes nas quais se baseiam as histórias e as personagens das suas peças. Na epígrafe «Cando o autor fala de si», efectua-se um percurso bibliográfico da criação literária de Torrado e reproduz-se uma conversa na qual afirma que escrever teatro «é a maior festa que coñezo» (Torrado, 1999: 118) e acrescenta, entre outros aspectos, que a sua intenção é «proporcionar material de traballo e recreo á medida das pequenas compañías de animación teatral e dos grupos de teatro escolar» (*idem, ibidem*: 118).

António Torrado animou e ofereceu novidades ao teatro galego, como o demonstra a boa recepção de críticos muito reconhecidos como é o caso de Agustín Fernández Paz (2000) que destaca que os textos em análise são peças teatrais com textos ágeis, graciosos e rimados, nas quais são de salientar igualmente a singeleza da montagem e as ilustrações de Xosé Cobas. Foi também comentada por Manuel Vieites (2000), um dos estudiosos que mais páginas dedicou ao teatro infantil, que, depois de se referir aos principais problemas do teatro galego, sublinha a importância de uma criação teatral específica para os colectivos que se aventuram no mundo do teatro para a infância e a juventude, bem como a necessidade de contar com um número suficiente de textos de qualidade.

Comenta algumas propostas que podem servir de referência e reconhece a complexidade de fazer teatro para a infância e a juventude e de escrever literatura dramática. Lembra que, na literatura dramática galega, existem já exemplos interessantes de caminhos a seguir, de «vieiros sumamente suxerentes para ir construindo un canon», formado por textos como *As laranxas máis laranxas de tódalas laranxas* (1973), de Carlos Casares, que deu início a verdadeiras novidades, e *O merlo branco* (1992), de Cándido Pazó, entre outras poucas mais, pois, como se pode observar nas estatísticas supramencionadas, são em número reduzido as obras de literatura dramática escritas em galego (2 no período inicial: 1900-1950; 12 entre 1960 e 1980 e 47 entre 1980-2000) e, em relação às traduzidas, passou-se de uma no primeiro período (1900-1950) a 38 entre 1960-1980 e a 1062 entre 1980-2000, sendo o teatro o que menos se traduziu. Assim, destaca *Teatro ás tres pancadas*, de António Torrado, porque é testemunho e/ou exemplo de uma tentativa de abordar a criação dramática, evitando tópicos e estereótipos e procurando direcções e caminhos que contribuam para potenciar um género fundamental para a normalização e a regularização da criação literária e da sua recepção, visto que, como fez Torrado, insiste-se nas potencialidades didáctico-metodológicas do texto dramático e defende-se o papel dos professores no processo de criação e consolidação de hábitos leitores.

4. Conclusões

As obras comentadas de António Torrado foram uma reconhecida influência na consolidação da literatura galega, pelos usos que levou a efeito da reescrita de textos pertencentes à tradição oral e de uma obra de teatro. Na verdade, não só ofereceu um texto dramático com as suas naturais falas ou réplicas/interacções das personagens, mas também interessantes indicações cénicas e muitas respostas relativas à encenação

patentes na entrevista final, factos que permitiram asociá-lo à primeira obra de teatro que renovou a dramaturgia galega, *As laranxas máis laranxas de todas as laranxas*, de Carlos Casares Mouriño (Xinzo de Limia, 1942-Vigo, 2004) a quem se dedicou este ano (2007) o Dia das Letras Galegas com notória recepción, conforme reflectem os muitos estudos monográficos e reedições das suas obras, como se pode constatar nos *Informes de literatura* (www.cirp.gal/rec2/informes/).

Nas obras de António Torrado editadas na Galiza, como são versões, e não traduções puras, observa-se muita “domesticação”, por forma a adaptá-las ao contexto galego do momento, como se procurou dar conta nos comentários que realizámos ao longo do presente estudo. Para concluir, reafirmamos que a opção editorial por traduzir um conjunto ou uma amostra exemplar da obra extensíssima de António Torrado se revelou uma valiosa aposta, designadamente pelas repercussões que este fluxo teve no que diz respeito à expansão e consolidação da literatura infantil galega.

Bibliografía:

Activa:

TORRADO, Antonio (1993). *A historia de Carochiña e do infeliz Xoán Rato*, ilust. Manuel Mouta, versión M^a Anxos Vázquez, Vigo: Ir Indo, col. Historias tradicionais contadas de novo, 13 pp. ISBN 84-7680-159-9.

____ (1993). *O macaco de rabo cortado*, ilust. Antonio Modesto, versión M^a Anxos Vázquez, Vigo: Ir Indo, col. Historias tradicionais contadas de novo, 13 pp. ISBN 84-7680-158-0.

____ (1993). *A Nao Catrineta que ten moito que cantar*, ilust. Paula Soares, versión M^a Anxos Vázquez, Vigo: Ir Indo, col. Historias tradicionais contadas de novo, 13 pp. ISBN 84-7680-154-8.

____ (1993). *O paxe non cala*, ilust. Manuela Bacelar, versión M^a Anxos Vázquez Rodríguez, Vigo: Ir Indo, col. Historias tradicionais contadas de novo, 31 pp. ISBN 84-7680-153-X.

____ (1999). *Teatro ás tres pancadas* (Teatro às três pancadas, 1995), trad. Anxo Angueira Viturro, ilust. Xosé Cobas, Vigo: Edi-

ciões Xerais de Galicia, col. Merlín, serie verde (de 9 anos en adiante), outubro, 119 pp. ISBN: 84-8302-452-7.

Passiva:

AGRELO COSTAS, Eulalia, (2015). «Contexto e factores sistémicos» in Roig Rechou, Blanca-Ana (2015, coord.). *Historia da Literatura Infantil e Xuvenil Galega*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp. 125-148.

BENDOIRO, Pilar (2015). «Tradución» in Roig Rechou, Blanca-Ana (2015, coord.). *Historia da Literatura Infantil e Xuvenil Galega*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp.115-120.

EVEN-ZOHAR, Itamar (2008). «La fabricación del repertorio cultural y el papel de la transferencia» («The Making of Culture Repertoire and The Role of Transfer»). Traduzido por Montserrat Martínez in Amelia Sanz Cabrerizo (ed.), *Intercultura. Transliteratura*. Madrid: Arco Libros, pp. 217-226. Tamén en <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/index.html>> (consultado a 14/03/2010).

FERNÁNDEZ PAZ, Agustín (2000). «Literatura infantil e xuvenil», *Revista Galega do Ensino*, n^o 27, «O pracer de ler», Maio, pp. 209-217.

FERNÁNDEZ VÁZQUEZ, Mar e FERREIRA BOO, Carmen (2015). «Producción literaria» in Roig Rechou, Blanca-Ana (2015, coord.). *Historia da Literatura Infantil e Xuvenil Galega*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp.83-112.

INFORME DE LITERATURA(www.cirp.gal/rec2/informes/). (Consultado a 10 julho 2017).

NOIA CAMPOS, Camiño (1995). «Historia da tradución en Galicia no marco da cultura europea» in *Viceversa. Revista galega de tradución*, n.º 1, pp. 13-62.

FERREIRA BOO, M^a del Carmen (2015). «Las reescrituras de los cuentos maravillosos en la Literatura Infantil y Juvenil gallega» in Cristina Cañamares Torrijos, Ángel Luis Luján Atienza e César Sánchez Ortiz (2015, coords.), *Odres nuevos: retos y futuro de la Literatura Popular Infantil*, Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, col. Estudios, n.º 148), pp. 307-320.

FERREIRA BOO, M^a del Carmen (2016). *As reescrituras dos contos maravillosos na Literatura Infantil e Xuvenil galega*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Tese de doutoramento, col. Área de Artes e Humanidades, 430 pp.,

<http://hdl.handle.net/10347/13866>.

ROIG RECHOU, Blanca-Ana e Carmen Ferreira Boo (2010). «O conto de transmisión oral na LIX galega» in Blanca-Ana Roig Rechou, Isabel Soto López e Marta Neira Rodríguez (coords.), *Reescrituras do conto popular 2000-2009*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia/Fundación Caixa Galicia, pp. 83-105.

ROIG RECHOU, Blanca-Ana (2016). «Contributos de Alice Vieira para a literatura infanto-juvenil em Espanha» in SILVA, Sara Reis da e RIBEIRO, João Manuel, *Estes libros que nós escolhemos: Contributos para a Leitura da obra Infantil e Juvenil de Alice Vieira*, Porto: Tropelias & Companhia, pp. 77-123.

VALRIU LLINÁS, Caterina (1998). «Les rondalles i la literatura infantil» in *Articles*, n.º 16.

VIEITES, Manuel, (2000). «A posible e necesaria dramática infantil/xuvenil», *Guía dos libros novos*, nº 17, Teatro”, Abril, p. 28.